

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Jornal do Brasil*

Class.: 167

Data: 12.10.86

Pg.: \_\_\_\_\_

Belém do Amazonas (AM) — Foto de Ana Carolina Fernandes



*Apesar do calor de 38 graus, os adeptos da Santa Cruz usam sempre roupas compridas.*

# Seita que proíbe canto e dança conquista índios do Amazonas

*Mirian Guaraciaba*

**Manaus** — No melhor estilo de reverendo Moon ou de Jim Jones, uma seita de fanáticos está invadindo o Amazonas: a Santa Cruz. Idealizada por João da Cruz, um homem alto, magro, de cabelos e barbas longas e gestos exagerados, a Santa Cruz já conquistou cerca de 20 mil adeptos em duas dezenas de municípios do Estado, inclusive Manaus.

Incentivada indiretamente pelo governo local, a seita, criada em 1982, decreta proibições e castigos para os pecadores. João da Cruz morreu no ano passado, mas deixou a semente. Com medo da escuridão que se abaterá sobre a terra, os fiéis vestem-se com roupas longas e mangas compridas, quase sempre sob um forte calor de 38 graus — a temperatura média no interior do estado.

“A Santa Cruz é a salvação de milhares de pessoas alcoólatras”, estimula o governador Gilberto Mestrinho. Essas pessoas, a maioria índios tikunas, não deixaram somente a bebida. Ferindo princípios básicos da cultura indígena, os adeptos não podem dançar, cantar ou brincar.

“O castigo virá dos céus. O dia vai virar noite e os demônios nos devorarão”, acredita o sacerdote Joilson Moraes, 38 anos, responsável pelos fiéis da região de Santo Antônio do Ica, no Alto Solimões. Antes que os demônios devorem os pecadores, os líderes aplicam os castigos em escala: para quem fumar, uma hora de joelhos diante da Santa Cruz; quem mexer com a mulher do próximo, passará um dia e uma noite ajoelhado. O reincidente pagará o erro com 7 anos de expulsão da seita.

Conta a lenda, repetida pelos seguidores, que João da Cruz veio do sul de Minas e caminhou 20 mil quilômetros até chegar ao Amazonas. Carregava uma cruz de 13 quilos, uma grossa e pesada bíblia, vestia um camisolão e marcou dia e hora para morrer. “Ele era um santo. Falava como santo e suas pregações sempre foram para o bem”, admira o sacerdote Joilson de Moraes.

Explorando a ignorância do povo do interior do Amazonas, João da Cruz recebia dízimos em dinheiro e em gêneros alimentícios. Hoje, seus seguidores — 12 em cada comunidade — orientam os fiéis e cobram sua

parte. “Ele fazia falsos milagres, enganou os índios e a população, escravizou os tikunas. É uma seita de fanáticos”, critica frei Humiles Vallgas, mineiro de Curvelo, 49 anos, que há oito meses mora na aldeia indígena de Belém, no Alto Solimões.

Frei Humiles Vallgas tem hoje um rebanho dividido. A população de duas mil pessoas de Belém já ofereceu à Santa Cruz mais de 500 fiéis. “A seita está se espalhando de maneira preocupante”, lamenta frei Vallgas. Zuenite da Costa, 18 anos, um tikuna que ainda não caiu nas garras da seita, endossa o padre: “Eles proíbem as coisas boas. Eu gosto de jogar futebol, dançar, cantar e andar de calção.”

Mas, apesar de proibir o fumo, a bebida e o jogo, a política ainda é permitida. Em São Paulo de Olivença, no Alto Solimões, dois líderes da Santa Cruz assistiram do palanque ao comício da Aliança Democrática, apoiada pelo governador Gilberto Mestrinho. “Nós vamos apoiar o governo. A Santa Cruz vai votar no seu candidato porque estamos com Gilberto Mestrinho”, garantiu um dos líderes, Vinicius Costa. A reciprocidade é verdadeira.